

Saúde

Tecnoparanóia

■ O falso conceito de que a tecnologia é sempre antiecológica está na origem do temor de que a saúde é uma refém do progresso

SÔNIA BEATRIZ DE BARROS

Tecnofobia não consta do *Aurélio*: é um neologismo para pavor à tecnologia; tecnoparanóia também não foi dicionarizada e a grosso modo seria o temor, consistente ou não, a qualquer tipo de inovação tecnológica, do moderníssimo telefone celular à projecta geladeira. O sinônimo mais próximo seria ecoparanóia, temor despertado pelos supostos danos que o progresso causaria ao planeta Terra, das queimadas na Amazônia à utilização de sementes transgênicas na agricultura, e que estaria resumido no amplo enunciado de que a tecnologia é antiecológica. Será?

Se a tecnologia for predatória, sem dúvida que sim. Tanto que organismos internacionais e governos locais se preocupam em regulamentar, por exemplo, a utilização de CFCs, cloro-flúor carbonos, na fabricação das geladeiras. Os CFCs são os gases que fazem o eletrodoméstico funcio-

nar, ao mesmo tempo que ajudam a destruir a camada de ozônio que circunda a Terra, contribuindo para o aquecimento global. Ecoparanóia?

Quando a televisão começou a se espalhar pelo mundo era precedida por rumores de que o aparelho emitia raios X, que causavam câncer e cegueira. Os tecnóforos de 40 anos atrás sacavam do bolso estatísticas e (quase sempre) um testemunho pessoal sobre o parente que ficou cego de só de ver TV. As transmissões de televisão acabam de completar 50 anos. Os maléficis raios X continuam no mesmo lugar, mas ninguém mais fala nisso.

Só as Nações Unidas, através da Organização Mundial da Saúde (OMS), que tem um projeto dedicado aos campos eletromagnéticos e aos efeitos daninhos que trazem à saúde. Em maio passado, a comissão divulgou o relatório preliminar sobre monitores, a bola-da-vez devido à proliferação da indústria de computadores, e

jogou por terra as verdades absolutas de outrora sobre a nocividade dos aparelhos de TV: "Poucos raios X são produzidos dentro do tubo de raio catódico (CRT, sigla em inglês) e a tela de vidro é espessa bastante para absorvê-los antes que escapem do monitor para o meio ambiente". E mais: "A catarata e outras doenças oftálmicas não têm relação com os monitores. O brilho e os reflexos da tela só em casos extremos podem causar dor de cabeça e tensão ocular". O relatório completo está no site (<http://www.who.ch/emf/>).

A mesma comissão que estudou os aparelhos de TV e os monitores ainda está analisando os efeitos dos outros campos de frequência mais elevada, as chamadas radiofrequências, sobre a saúde. É nesta faixa de onda que se incluem os

telefones celulares. Por enquanto, a conclusão é de que eles interferem mesmo em outros equipamentos eletrônicos, e a OMS alerta que jamais devem ser levados para dentro de CTIs, pois podem interferir no funcionamento dos delicados aparelhos de monitoramento e manutenção da vida. Adverte ainda que os portadores de marca-passos e aparelhos auditivos devem "consultar o médico para determinar a

susceptibilidade de tais produtos aos efeitos eletromagnéticos dos celulares".

O *nihil obstat* da ONU a dois equipamentos do fim do milênio obviamente não abrange outras formas de tecnologia, nem produtos criados em laboratório que tornam insuportável a vida de milhares de pessoas, verdadeiros alérgicos à vida moderna. O mal de que padecem tem um nome comprido – "sensibilidade química múltipla" (MCS, a sigla em inglês) – e remete aos novos vilões do progresso: os produtos químicos, uma lista interminável de compostos, presentes em quase tudo. São esses compostos químicos os verdadeiros alvos da tecnoparanóia. Eles causariam "fragmentação endócrina", efeitos nocivos sobre a saúde, a reprodução e o comportamento animal.

Arte/Bianco – Fotomontagem/Eliomar Moraes

DICAS ECOLÓGICAS

Os plásticos, detergentes e pesticidas estão aí e, apesar dos esforços de governos e organizações não-governamentais (ONGs) para disciplinar a produção e controlar seus efeitos sobre a saúde dos seres vivos, a controvérsia persiste. *Sierra Club*, uma das mais antigas ONGs ecológicas dos Estados Unidos, lançou na Internet (<http://www.sierraclub.org/home.html>) uma série de dicas sob o título *Proteção ambiental começa em casa* que ajudam a reduzir o nível de ecoparanóia e tornam a vida mais saudável:

- Deixe o carro na garagem, caminhe ou vá de bicicleta quando tiver de fazer compras perto de casa. Ajuda a reduzir a poluição ambiental e o efeito-estufa.
- Utilize um forno a gás, e não elétrico. A eletricidade é uma forma pouco eficiente de produzir calor.
- Dê preferência às geladeiras que poupam energia.
- Reutilize sempre os sacos de papel ou de plástico e o papel alumínio.
- Coma menos produtos animais e dê preferência aos grãos, vegetais e frutas.
- Instale na cozinha ou na área quatro latas de lixo: uma para vidros, outra para papéis, a terceira para latas e a última para matéria orgânica. Pressione as autoridades para que a coleta de lixo seja seletiva.
- Leve jornais para reciclagem (cada pilha de três metros de jornal velho *salva* uma árvore). Doe a orfanatos ou asilos as revistas que já foram lidas.
- Use apenas sabão em pó e detergentes sem fosfatos.
- Evite usar a secadora de roupas. Poupa eletricidade. O antigo varal faz a mesma coisa.
- Para desentupir pias, use água fervente, e não produtos químicos venenosos.
- Na limpeza, use produtos naturais como vinagre, bicarbonato de sódio e sal, em vez de amoníacos.
- Dê preferência ao papel higiênico de cor branca. Os coloridos poluem.
- Por mais práticas que sejam, as fraldas descartáveis levam até 50 anos para degradar; prefira as tradicionais, de algodão.
- Adote um gato ou instale ratoeiras. Não espalhe veneno pela casa ou jardim.